

Resenha Crítica: Documentário “AO SUL DA FRONTEIRA”

Anna Ivanoff

INTRODUÇÃO

“Ao Sul da Fronteira” é um documentário político estadunidense escrito, dirigido e produzido por Oliver Stone. Lançado em 2009 no Festival de Veneza, seu foco são os cenários políticos de países da América Latina que possuíam governos à esquerda naquele momento, contrapondo-se ao que a mídia norte-americana divulgava a respeito dos líderes latino-americanos. Oliver visita os presidentes dos seguintes países: Venezuela (Hugo Chávez), Bolívia (Evo Morales), Argentina (Cristina Kirchner e Néstor Kirchner), Paraguai (Fernando Lugo), Equador (Rafael Correa), Brasil (Luiz Inácio Lula da Silva) e Cuba (Raul Castro).

CONTEXTO HISTÓRICO

Durante muito tempo, os países da América Latina foram alvos de experimentos do Fundo Monetário Internacional (FMI). Eram estabelecidas medidas políticas e econômicas, geralmente neoliberais, que deveriam ser tomadas em troca de empréstimos. É importante lembrar que as principais instituições mundiais são comandadas pelos

Estados Unidos da América (EUA) e aliados, incluindo o FMI. É vital para o Fundo Monetário Internacional que as economias menores continuem dependentes, visto que lhe permite impor condições completamente inclinadas às posições políticas dos EUA.

Os países da América Latina, antes dos governos de esquerda assumirem, passaram por ditaduras e governos financiados por outros países na expectativa de que atendessem a seus interesses. A ditadura militar no Brasil, por exemplo, foi sustentada, ou garantida, ou financiada por investimentos dos Estados Unidos. Traços do estabelecimento desta política neste período são evidenciados pela presença de bases militares norte-americanas na América do Sul durante a Guerra Fria sob o pretexto geral de uma possível ameaça comunista.

Hugo Chávez foi o precursor dos governos à esquerda na América Latina. Inspirado pelo revolucionário venezuelano Simón Bolívar, figura importante para a descolonização da América Espanhola e libertação da região, o então presidente da Venezuela é um ex-tenente que viu de perto as tensões no país quando ainda estava sob o governo de Carlos Andrés Pérez nos anos 90. Foi neste período

do que iniciou sua proposta de Revolução Bolivariana, implementada quando eleito presidente em 1998. Antes disso, tentou articular um golpe contra o governo, que fracassou e resultou em sua prisão por dois anos.

RESENHA

O documentário busca mostrar como são articuladas as alternativas de esquerda ao capitalismo selvagem na América Latina, como pensam seus líderes e qual o respaldo norte-americano a respeito, especialmente da mídia. A forma como são retratados os presidentes explora o lado humano de cada um, mostrando relatos pessoais. O fato de que os líderes de Estado são representados agora por figuras mais próximas da sociedade, com histórias que os aproximam do povo, possui grande influência na maneira como é conduzido o documentário. Nota-se claramente que Oliver busca mostrar que a forma de governar mudou a vida das classes mais abastadas da sociedade, da qual os governantes no poder se aproximam.

O documentário faz uma análise temporal gradual, explicando inicialmente como foi o processo venezuelano e toda a trajetória de Hugo Chávez até sua chegada ao poder, a tentativa de golpe contra ele e sua retomada de poder, sempre contrastando com as ações do governo e da mídia norte-americana. É notável o papel dos Estados Unidos na tentativa de retirá-lo do poder e colocar um presidente mais simpático aos interesses norte-americanos, visto que a Venezuela possui uma enorme reserva petrolífera em seu território e um comércio de óleo em grande escala com os EUA. Chávez afirma que a mesma intenção é utilizada na invasão estadunidense ao Iraque: controle do petróleo. Foram feitas duras críticas quanto à naciona-

lização do petróleo venezuelano. Outro aspecto que chama a atenção é a influência da mídia (tanto local quanto internacional) nos procedimentos de poder, tais como decisões a respeito dos rumos da economia, escolha de líderes e respaldo sobre decisões políticas.

A partir de uma análise estrutural da Venezuela, Oliver faz a comparação com os outros países apontando suas diferenças e semelhanças, explicitando a maior união da América Latina após os governos de esquerda assumirem a liderança da região. O posicionamento dos outros líderes entrevistados sobre o relacionamento com os Estados Unidos é de respeito, mas prezando pelo fim da submissão aos interesses norte-americanos. Alguns tomaram medidas mais combativas, enfrentando as políticas dos EUA na região, como Hugo Chávez na Venezuela e Evo Morales na Bolívia, e outros de forma mais branda, negando apoio às políticas de sabotagem dos países vizinhos, como Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil.

Evo Morales foi outro presidente que recebeu duras críticas por seu posicionamento político. Índio e ex-líder do sindicato dos plantadores de coca, o presidente é crítico aos Estados Unidos e às suas políticas intervencionistas na América Latina. Um dos fatores de peso é a questão da legalização da coca no país, vista pela mídia estadunidense como algo inaceitável. É importante ressaltar que existe uma diferença entre a folha de coca e a cocaína: enquanto o consumo da folha vem de uma tradição indígena para aliviar a tensão das elevadas altitudes da Bolívia, a cocaína é uma modificação química da coca que resulta em efeitos completamente diferentes de sua matéria-prima. Uma das principais maneiras de intervenção no local é a presença do Drug Enforcement Administration (órgão federal estadunidense encarregado do

controle e repressão de narcóticos), que não agrada ao presidente, pois Morales acredita que a guerra contra as drogas faz parte dos interesses geopolíticos dos Estados Unidos. O DEA acabou sendo expulso junto com a Embaixada dos EUA da Bolívia, demonstrando o claro posicionamento do presidente a respeito das políticas norte-americanas.

Em relação à Argentina, após 50 anos seguindo as recomendações do FMI e resultando em uma grande crise que teve seu auge em 2001, o casal Kirchner chegou ao governo com a missão de fazer a economia voltar a crescer e tirar as pessoas da miséria. Oliver salienta que o motivo da vitória eleitoral foi a disposição dos Kirchner de enfrentarem os Estados Unidos e o FMI. Após o fim do mandato de Néstor, sua esposa Cristina é eleita e dá continuidade ao trabalho que foi iniciado pelo marido. As relações com a América Latina foram estreitadas desde então, uma das evidências foi a reaproximação com o Mercosul.

O Brasil na gestão de Lula mostrou-se mais inclinado a ser parceiro dos países latino-americanos. Oliver comenta que no fim de sua gestão Lula parece estar mais combativo do que antes, no entanto, as declarações do presidente deixam transparecer que suas ações foram mais brandas do que a de seus vizinhos. Os focos de sua gestão contemplavam melhorar a política externa com seus vizinhos, combater a pobreza e a fome. Isso não significou um rompimento brusco como foi feito na Venezuela ou na Bolívia, mas certamente não fugiu às críticas da imprensa. O presidente também condena o embargo à Cuba, afirma que não faz mais sentido visto que o cenário internacional é diferente daquele existente no período da Guerra Fria.

O Equador de Rafael Correa tomou um posicionamento mais agressivo em relação aos EUA, especialmente devido à

base militar norte-americana instalada no país. O presidente questionou a continuidade da instalação, especialmente porque não traz benefício algum, segundo ele. Sugeriu ainda que o Equador colocasse uma base militar em Miami para equiparar a situação, o que irritou profundamente os estadunidenses. Apesar disso, a relação entre os países ainda assim não parece ser muito conflituosa.

O país que parece ser menos reativo às políticas dos EUA é o Paraguai, sob administração de Fernando Lugo. No entanto, o presidente defende que deve haver uma aproximação intensa entre os países latino-americanos e que a dependência FMI não é uma opção razoável. Poucas declarações foram dadas pelo presidente cubano Raul Castro, mas percebe-se que ele apoia os governos de esquerda eleitos na América Latina.

Por fim, ao final do documentário, Barack Obama acabava de eleger-se presidente dos Estados Unidos. Ao contrário de Bush, pareceu estar mais disposto a dialogar com os países latino-americanos e causou boa impressão aos presidentes entrevistados. Visto que já se passaram 7 anos do lançamento do documentário, é possível afirmar que a política externa norte-americana de Obama foi mais amistosa em relação à América Latina do que no governo Bush.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário busca questionar se os novos governos eleitos poderiam ser uma alternativa ao capitalismo selvagem promovido pela política externa norte-americana. De maneira pouco sutil, Oliver demonstra seu fascínio pela América Latina que foi construída a partir dos governos de esquerda eleitos. Apesar das duras críticas recebidas, o documentário explora a percepção de cada presidente sobre o próprio governo

e sobre o governo norte-americano. A visão do diretor é parcial, e em momento algum parece querer mostrar-se diferente. É um bom exercício de reflexão principalmente a respeito do papel que a mídia exerce na sociedade, além do fundo histórico que a América Latina possui em relação aos EUA.